

# PENSANDO SOBRE A CIDADE CONTEMPORÂNEA

MARIA CECÍLIA NOGUEIRA LINARDI<sup>1</sup>

LINARDI, M.C.N. Pensando sobre a cidade contemporânea. *Semina: Ci. Soc./Hum.*, Londrina, v. 15, n. 3, p. 239-245, set. 1994.

**RESUMO:** *Propomos identificar alguns tópicos para a compreensão da cidade contemporânea. Através das noções de tempo, velocidade, obsolescência de lugares e coisas, inovações da ciência e tecnologia, buscamos contribuir para uma redefinição das relações socio-espaciais presentes na cidade atual. Em termos metodológicos, enfatizamos a importância do conhecimento histórico enquanto ponto de partida, que nada mais é do que o próprio conhecimento da realidade. Acreditamos ainda que este procedimento possa permitir a renovação da teoria. Observamos então que a modernidade atual apresenta enquanto característica, não apenas a intensa proliferação de objetos, a abundância, mas também é marcada pela rapidez em que são processados, assim como pela sofisticação tecnológica em que produzidos. Enfim, buscamos observar como a velocidade e os novos ritmos caracterizam a presente transformação do ambiente urbano, o qual tende a tornar-se obsoleto, cada vez mais, em menor intervalo de tempo.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Cidade contemporânea, Tempo, Velocidade, Obsolescência, Modernidade atual.*

## INTRODUÇÃO

Acreditamos que somente a clara compreensão da realidade, poderá então permitir, tanto ao indivíduo quanto coletivamente, uma projeção da forma de sociedade que melhor corresponda a seus anseios. Acreditamos ainda que, somente acontecerá tal compreensão do presente, se estiver garantida uma discussão e entendimento das possibilidades e tendências do desenvolvimento futuro, tanto das relações sociais quanto do espaço.

Neste sentido, confirmamos a importância do trabalho intelectual, enquanto forma de chegarmos a uma avaliação desta realidade, por ser também um instrumento de avaliação e antecipação de situações futuras.

É dentro desta visão que apresentamos este trabalho, buscando alguns tópicos que possam contribuir ao entendimento tanto da organização do território, tal como da própria sociedade, hoje. Acreditamos então estar cumprindo com nossa função de profissionais do ensino e pesquisadores, devolvendo à mesma sociedade, donde alimentamos nossas especulações, um relato enquanto explicação e mesmo alerta acerca dos fatos estudados. Assumimos assim o compromisso de compreensão da realidade, colaborando de alguma forma no sentido de romper o envólucro que mascara a compreensão dos fatos e da sociedade.

Apresentamos ainda enquanto preocupação central

neste artigo, o enfoque metodológico e conceitual sobre o tema abordado; partimos de uma definição acerca da cidade contemporânea, hoje.

## 1. À GUIA DE DEFINIÇÃO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Pretendemos identificar alguns tópicos pertinentes ao entendimento da cidade contemporânea. Dessa maneira, através das noções de tempo, de velocidade, da obsolescência de lugares e coisas, das inovações na ciência e tecnologia, enfim, abordamos diferentes níveis que parecem contribuir para uma redefinição das relações socio-espaciais presente na cidade, hoje.

Primeiramente, destacamos a importância de adotarmos enquanto ponto de partida o conhecimento histórico, aqui considerado enquanto apreensão da própria realidade: acreditamos ainda ser este o mecanismo que pode conduzir à renovação da própria teoria. Enfatizamos assim, a importância de estarmos atentos à própria realidade, buscando em suas múltiplas relações, explicações e justificativas, como afirma SANTOS (1982, p. 132):

*"É preciso ir recolher no real, o que ele é, peça por peça, mecanismo por mecanismo, ilação por ilação, e desse conjunto de coisas e das relações que as animam, examinando à luz de conjuntos maiores, extrair significações, que, sendo*

1 - Departamento de Arquitetura e Urbanismo/CTU - Universidade Estadual de Londrina, Caixa Postal 6001, Londrina, PR, Brasil, CEP 86051-970.

*particulares ao caso estudado, tragam igualmente, ainda que escondida em seu bojo, a dimensão universal, e encerrem um germe ou uma promessa de abstração factualmente construída”.*

Quando buscamos a compreensão e a avaliação de algum aspecto da realidade, fica também implícito a preocupação da análise do contexto onde se encontra inserido este fragmento; parece ser este procedimento um requisito básico àqueles que pretendem uma compreensão da realidade.

Neste sentido, ao abordarmos a questão da cidade contemporânea partimos de uma avaliação da abrangência da modernidade atual. Vale esclarecer ainda que, buscamos entender também questões que transcendem o âmbito da aparência, enquanto possibilidade de adentrarmos à compreensão do significado. Mediante este procedimento, acreditamos ser possível uma reflexão acerca da produção espacial, num determinado momento histórico.

## 2. CARACTERIZAÇÃO DO MOMENTO ATUAL

No início do século, a modernidade entra em cena e se manifesta de forma intensa na cidade, transformando-a, fazendo nesta ser instaurada a metrópole, segundo múltiplas e diversas formas; a cidade abre passagem para metrópole, e irrompem à cena as multidões. No final do século XX, vivemos um momento de intensa renovação de fatos e dos objetos, onde de forma declarada superamos a experiência da modernidade deflagrada pelo industrialismo, para adotarmos nova concepção, que gestada desde então, foi particularmente definida (ou mesmo transformada) com a revolução científica técnica, após a Segunda Guerra, (SANTOS, 1985). Contudo é importante frisar que esse “novo” surge e convive com formas já existentes, permitindo estabelecer um mecanismo dinâmico onde coexistem, e por que não, se entrelaçam de forma peculiar, a tradição e a inovação.

Desta forma, buscamos analisar neste período, marcado pela renovação intensa, características e peculiaridades presentes na esfera da produção e do consumo, possibilitando assim traçar mediante tais evidências o perfil da modernidade atual.

Vivemos hoje um período onde a renovação intensa, traz consigo a marca da *passagem*; estigmatizados pelo sentido e situação onde prefixo “pós” tende a se instaurar de forma genérica. Sendo assim adotado, permite insinuar que estamos num estágio posterior a uma dada época, distantes de um passado que embora recente, hoje se encontra transformado. Estaremos hoje vivendo a Pós-modernidade?

Neste ponto, concordamos com HABERMAS (1987, p. 115), quando aponta a transição enquanto particularidade atual, sendo de forma genérica empregado o termo “pós”;

*“com este ‘pós’ querem os protagonistas se*

*desfazer de um passado; a atualidade não podem ainda dar um novo nome, na medida em que para os reconhecíveis problemas do futuro não temos até agora nenhuma resposta. Fórmulas como “pós-ilustração” ou “pós-história” desempenham o mesmo papel. Gestos de despedida apressada como estes são adequados aos períodos de transição.*

As evidências sugerem estarmos num período caracterizado pela crise, que nada mais é do que a transição entre uma situação que mostra já estar superada, e um novo período que ainda não se encontra delineado.

Vivemos um momento de extensa multiplicação da produção e fluidez dos objetos construídos no espaço, permitindo cada vez maior acesso a esses, assim como acelerando a obsolescência das coisas produzidas. Vivemos igualmente a inauguração da era do happening e do descartável, em relação aos lugares, as manifestações culturais, aos valores e objetos produzidos, pois observamos frequentemente transformações intensas ocorrendo em intervalos de tempo cada vez mais reduzidos. Segundo DORFLES (1965, p. 221), podemos observar tal transitoriedade no próprio cotidiano, pois

*... “novos edifícios acabados de construir para avistar junto deles outros já em vis de demolição: basta considerar a variabilidade da moda feminina, das modas artísticas, literárias, poéticas...”*

Podemos ainda afirmar que este ritmo de inovações está perfeitamente adequado às necessidades da sociedade atual, que traz em seu interior a marca da sociedade de consumo.

Voltamos a atenção para a vasta oferta e proliferação de objetos, assim como a intensa renovação dos fatos: isto parece tecer o centro da sociedade contemporânea, como afirma BAUDRILLARD (1976, p. 15),

*“A nossa volta, existe hoje uma espécie de evidência fantástica do consumo e da abundância, criada pela multiplicação dos objetos, dos serviços, dos bens materiais, originando como que uma categoria mundial de mutação fundamental na ecologia da espécie humana. Para falar com propriedade, os homens da opulência não se encontram rodeados, como sempre acontecera, por outros homens, mas por objetos.”*

Entretanto não é característico do momento atual apenas a intensa proliferação dos objetos, sua abundância, mas sobretudo é importante frisar, a rapidez em que são processados, tal como a sofisticação técnica em que são produzidos: o ritmo e velocidade, parecem ser um aspecto particular, e também fundamental neste período. Tanto ao nível das idéias, quanto dos objetos construídos, as mudanças se processam num ritmo intenso, o que também parece implicar numa renovação também inusitada no modo de vida, e nas relações entre os indivi-

duos. Esta situação tendencialmente irá trazer uma intensa fluidez de novos elementos pelo espaço, que por outro lado pode ainda significar maior possibilidade de acesso, à todos, a estes bens.

Podemos apontar neste sentido efeito e o significado da produção em série: se por um lado, está associada a pesquisa tecnológica, e vinculada a mundialização das idéias, dos valores, dos costumes, por outro, pela possibilidade de sua abundância tende também favorecer a obsolescência precoce dos objetos e fatos: hoje tem maior sentido o descartável, do que o permanente. A idéia de consumo rápido, do transitório tem mais impacto do que o eterno. Podemos encontrar também no ambiente urbano, as marcas e indícios desta abundância e perecibilidade: a profusão dos objetos, de idéias e de informações, comprovam a todo instante a presença do temporário. Concordamos com a afirmação de BAUDRILLARD (1976, p. 16) acerca da produção intensa dos objetos nas sociedades de consumo, pois

*“O amontoamento, profusão revela-se evidentemente como traço descritivo mais evidente. Os grandes armazéns, com a exuberância de conservas, vestidos, bem alimentícios e de confecção constituem como que a paisagem primária e o lugar geométrico da abundância.”... “No amontoamento, há mais que a soma dos produtos: a evidência do excedente, a negação mágica e definitiva da rareza, a presunção materna, a presunção materna e luxuosa da terra da promessa.”*

É importante frisar, que em meio a esta profusão de objeto, de informações, há uma constante que determina a essência de um período, que é a necessidade de **consumir**: como afirma DORFLES (1965, p. 221),

*“...consumir, como consumir-se’. O consumo – tanto entendido transitivamente no sentido de consumir algo, de se servir, não só de alimentos, mas também da cultura, da arte, da ciência, de maneira quase ‘comestível’, como entendido intransitivamente no sentido do ‘consumir-se’, do desgastar-se, do estar sujeito à entropia e a obsolescência, de um determinado fenômeno – é sem dúvida uma das constantes basilares da nossa era”.*

Mesmo considerando que em outros períodos históricos estiveram presente a obsolescência, tanto de produtos quanto de idéias, implicando numa constante reciclagem, ou mesmo em consumir mais do que o necessário para a sobrevivência, que também é forma de desperdício e delapidação dos meios e do ambiente, o momento atual tem sua marca própria: podemos defini-lo mediante a presença do consumo de massa. Agora os objetos e os acontecimentos são concebidos para durar pouco, muito pouco; a sociedade de consumo traz em seu interior a ne-

Semina Ci. Soc./Hum., v. 15, n. 3, p. 239-245

cessidade de uma ordem passageira ou ainda como define BAUDRILLARD (1976, p. 56), onde os objetos são produzidos não em função do seu valor, mas em função da sua morte.”

*“O que hoje se produz não se fabrica em função do respectivo valor de uso ou da possível duração, mas antes em função da sua morte, cuja aceleração só é igualada pela inflação dos preços.”*

Vale ainda acrescentar que esta renovação acelerada dos objetos e dos fatos, é facilmente aceita pela sociedade, a qual não oferece resistência: muitas vezes a própria publicidade, em forma de discurso em defesa do consumo, tende a enfatizar a necessidade de sujeitar-se ao valor/moda, em nome (ou mesmo caricatura) do progresso.

Realmente, esta nova configuração tende apresentar-se em vários territórios: nesta, igualmente nova sociedade, observamos uma tendência a manifestação de formas de consumo e de produção caracterizadas pela rápida renovação. Esta possibilidade parece ter contribuído não só em relação ao maior fluxo de trocas entre os diferentes territórios produzem, mas sobretudo pelo que são forçadas a consumir. Contudo estas transformações não acontecem apenas no âmbito do que é produzido e do que é consumido, mas também na própria paisagem, na linguagem e no significado do espaço, no dimensionamento do tempo e nas relações sociais. A presença marcante desta necessidade de mudança, de transformações da base existente neste novo período, tendencialmente faz com que qualquer pedaço do território esteja sujeito às determinações até certo ponto comum, colocando estas diferentes localidades, ou mesmo nações, sob o mesmo nexos da modernidade: isto tem importância relevante, pois a simultaneidade dos fatos foi capaz de redefinir tanto o espaço, quanto o tempo, em diferentes pontos do território, como adverte SANTOS (1988, p. 59):

*“Não há país, nem que seja um ponto mínimo, que deixe de estar ligado a essa modernidade global; e nesse novo subsistema hegemônico, a lei do lucro se transforma na lei internacional do lucro, passa a ser o motor único do movimento do mundo”.*

Partindo destas considerações acerca da sociedade contemporânea e da repercussão da modernidade atual, é que pretendemos entender a redefinição da cidade neste contexto: parece que as condições urbanas, em particular tratando das grandes cidades, revelam uma lógica, uma ordem onde os princípios norteadores revelam as colocações iniciais. Entendemos que as cidades, hoje, tendem a serem consumidas literalmente, onde muito facilmente tudo é colocado abaixo, sendo esta base existente, parcial ou totalmente renovada, para que seja possível finalmente termos algo “necessariamente” novo e

inusitado, que traz em seu bojo o estigma sempre presente, do **temporário e passageiro**. A destruição parece ser algo vital para a sociedade de consumo, como afirma BAUDRILLARD (1976, p. 58):

*“a sociedade de consumo precisa dos seus objetos para existir e sente necessidade de os destruir. O “uso” dos objetos conduz apenas ao seu desgaste lento. O valor criado reveste-se de maior intensidade no desperdício violento. Por tal motivo, a destruição permanece como alternativa fundamental da produção: o consumo não passa de termo intermediário entre as duas. No consumo, existe a tendência profunda para se ultrapassar, para se transfigurar na destruição. Só assim adquire sentido.”*

Dentro da sociedade pós-industrial, a destruição aparece como uma condicionante necessária e natural, como uma decorrência esperada e aceita, muitas vezes em função da possibilidade da própria abundância. Além disto, esta renovação crescente das necessidades, impulsionando a proliferação dos objetos e a produção em massa, trazendo em seu interior raízes cravadas não mais em bases estritamente locais, mas sim globalizante.

Paralelamente podemos acrescentar as circunstâncias e a forma como os homens se relacionam, entre si e com o ambiente onde se encontram; esta avaliação acerca das formas de trabalho tendem a trazer mais informações sobre o cotidiano em nossa sociedade atual, e conseqüentemente sobre o próprio fato urbano. Apontamos então para as mudanças ocorridas ao longo do tempo, entre a esfera pública e privada, em relação ao espaço do trabalho: estes dois níveis tendem a definir o próprio espaço, tanto no âmbito formal quanto em seu significado. Concordamos com PROST (1992, p. 21), quando afirma que no século XX ocorre uma redefinição entre as esferas do público e privado, pois foi a partir de então que o trabalho tende a sair da esfera doméstica e migrar para a esfera pública. Progressivamente os locais de trabalho deixam de sobrepôr a esfera doméstica: mas não se trata apenas de uma diferenciação dos espaços, e sim estamos vivendo um período em que as novas condições de trabalho carecem de uma nova disciplina, garantida mediante estabelecimento de normas específicas, de caráter não mais individual, mas tipicamente coletivo.

Mediante estas novas formas de trabalho, viabilizados pelo novo estágio de desenvolvimento da ciência da técnica, foi possível (e igualmente necessário) a produção de espaços cada vez mais bem definidos quanto a sua especialização, assim como apresentando fronteiras claramente definidas.

Acreditamos que esta passagem para espaço público da atividade de trabalho, permita tecer mais uma característica da cidade contemporânea. A dissociação entre o local de moradia e o local de trabalho, tende impor cotidianamente longos trajetos pela cidade, dentro de uma disciplina pensada para a coletividade, onde o máximo rendimento é a regra geral. Parece que tanto a nova for-

ma de ordem espacial, quanto a nova forma de vivência cotidiana, encontram-se diretamente relacionada, e também subordinadas, às determinações da disciplina e da vigilância. Os contatos mútuos diminuíram, tal como os encontros; como afirma PROST (1992, p. 123), o que governa o cotidiano das pessoas é o ritmo impessoal da produção, assim como **“o urbanismo moderno trata a circulação como um fluxo. O deslocar-se portanto, exclui o encontro, e a eficácia exclui o perambular”**.

A própria presença e influência dos meios de comunicação de massa trouxeram diversas inovações, tanto na esfera privada quanto na esfera do trabalho: o rádio, a imprensa, as diferentes formas da publicidade, a televisão e toda a informática permitiram trazer para a esfera privada parte do que estava acontecendo fora, garantindo a propagação de novas formas de consumo. Isto foi muito significativo também, para comparar e incorporar diferentes situações, diminuindo as diferenças entre diferentes territórios e entre diferentes regiões, sendo então possível que a vida privada se redefina mediante esta invasão por novos valores desta época marcada pelo consumo.

Consideramos que a forma como cidade contemporânea está estruturada, pressupõe uma relação com os objetos de consumo existentes, mediatizada pela publicidade e pelo discurso da “necessidade” do progresso. Cotidianamente assistimos a destruição de espaços e regras, que se tornaram **obsoletos**. Agora a cidade é o local das novidades, de um arsenal de imagens e representações que tendem a estabelecer e definir para outras localidades, uma possibilidade de busca e realização.

A necessidade do controle do tempo, da remuneração e da produtividade, definem uma nova disciplina, limites, fiscalização e a necessidade da complementariedade entre atividades, tende a estabelecer um novo panorama para tanto para as relações entre os homens na esfera da produção, quanto em relação ao espaço que os sustenta.

### 3. ALGUNS TÓPICOS PARA AVALIAR A MODERNIDADE ATUAL

Consideramos que as inovações da ciência e tecnologia não surgem ao mesmo tempo e de modo a substituir por completo a base preexistente, mas sim de forma gradativa, conforme as características de cada formação social em questão. Enfatizamos então, ser fundamental para interpretar as características de um determinado momento histórico, a noção de tempo. Neste sentido, ao partirmos deste enfoque fica também implícito a importância de refletirmos acerca da própria velocidade; esta por sua vez, tende a definir e redefinir distâncias no espaço e novas relações temporais, e por assim dizer, permite ainda uma redefinição em relação ao próprio cotidiano. Embora tal aspecto seja particularmente observado nas grandes cidades, não podemos afirmar que estas representem o local/origem da velocidade. Ao contrário, as relações de poder em qualquer época, assim como o

exercício da hegemonia, das conquistas enfim, estão ligadas diretamente à velocidade, como aborda VIRILLIO (1983, p. 49).

A nova utilização do tempo tem provocado uma renovação não apenas no âmbito das relações sociais, mas também espaciais: o espaço de forma geral tende a apresentar menor Índice de barreiras, apresentando assim maior fluidez no meio ambiente. Neste novo contorno, onde a produção de informação e dos objetos podem ser propagadas de modo intenso pelo território, o que mais conta são os interesses que estão por traz desta ordem; esta nova situação também parece preencher uma das necessidades vitais da manutenção do poder.

Atualmente, sobremaneira nas grandes cidades, podemos afirmar que além de local de moradia, de permanência de pessoas e coisas, também nelas se concentram, ao mesmo tempo em que se renovam, de forma particular o trânsito de idéias, acontecimentos e serviços. Podemos concluir que as condições modernas, permitem extravasar os limites locais; como adverte BERMAN (1986, p. 15), pois a experiência ambiental da modernidade tende a anular as fronteiras geográfica e racial, unindo de alguma forma a espécie humana. Isto não implica na existência de uma situação de igualdade entre os diferentes povos; existe uma certa ambigüidade, onde ao mesmo tempo que une também separa, sendo fundamental à gestão desta ordem, o comando que tende a ser cada vez mais abrangente.

Fica de certa forma evidente que o mundo se transformou, na medida em que o próprio capital se distribui também de forma renovada: os países em desenvolvimento procuram constantemente grandes empréstimos dos bancos e dos grupos internacionais. Ainda, submetidos ao processo de globalização, os objetos produzidos em um determinado território, poderão ser consumidos ou concorrer com outros países. Fica ainda a mesma possibilidade, em relação as diferentes regiões dentro do mesmo território.

Entretanto podemos observar o avesso da aventura tecnológica, materializado na própria obsolescência dos objetos produzidos. Estas novas condições, ao serem incorporadas ao cotidiano das pessoas, provocam novas relações entre espaço e tempo, tanto individual quanto coletivamente, estabelecendo então não apenas uma nova forma, como também um novo conteúdo ao espaço produzido.

#### 4. CONCLUINDO SOBRE A CIDADE CONTEMPORÂNEA

Nas grandes cidades em especial, o impacto deste novo período provocou crescimento e transformações desmesuradas. Em todos os cantos do território, de alguma forma foi possível experimentar a intensa ação renovadora decorrente da ciência e da tecnologia, representada pelas manifestações de novas velocidades, novo uso de tempo, pela obsolescência de objetos e dos fatos, entre outras.

Vários aspectos podemos descrever, tentando evi-

Semina Ci. Soc./Hum., v. 15, n. 3, p. 239-245

denciar a amplitude das transformações decorrentes da modernidade atual; de forma geral, novos ambientes foram criados, ao mesmo tempo em que se torna ainda mais contrastante resquícios de outros momentos: sendo característica a unificação das formas de consumo e de produção, também vale apontar para o surgimento das formas de luta de classe e de reivindicação social, que se aglutinam: as cidades crescem, e novos equipamentos e necessidades se impõem, assim como novas formas de comunicação e de informação; as grandes cidades são marcadas não apenas por uma verdadeira explosão demográfica, mas também intrincada união dos opostos, ou seja a presença da diversidade mediante a constatação da coexistência entre o moderno e o tradicional. Enfim, hoje vivemos a possibilidade de contato físico, ou mesmo ao nível das idéias, entre diferentes formas de consumo e produção, particulares às diferentes sociedades. A grande característica, e por assim dizer a ambigüidade presente no momento atual, reside justamente neste ponto: a fantástica diversidade decorrente do avanço tecnológico, onde os opostos podem conviver de forma inter-relacionada. Podemos concluir que, a mundialização das idéias e dos costumes, dos valores, progressivamente pode contribuir para diminuir as diferenças ou mesmo particularidade das diversas culturas.

Enfim, a grande novidade do período atual reside no sentido da generalização e abrangência das inovações, possível mediante a revolução técnico-científica. Mesmo existindo este novo ritmo, que de certa forma é imposto a sociedade, não podemos esperar que haja um só tempo e compasso para todos; determinadas localidades, ou mesmo atividades, sofrem alterações em menores intervalos de tempo do que outras. Mas em todos os casos como já afirmamos, encontramos a coexistência entre o que há de mais inovador e resquícios de outros momentos. Entendemos que as inovações da ciência e da tecnologia, não surgem da mesma forma e em diferentes locais, ao mesmo tempo, nem mesmo chegam a substituir por completo a base pré existente, mas sim, de forma gradativa a nova situação tende a ser ajustada dentro das particularidades de cada formação social, ao mesmo tempo que também trazem no seu interior, uma força renovadora e até mesmo revolucionária. Sendo estas transformações, parciais e de forma gradativa, é possível ocorrer a coexistência entre o tradicional e o moderno, tanto ao nível do território quanto das relações sociais.

Contudo a produção social e as transformações não acontecem ao acaso, mas determinadas por uma ordem estrutural. Podemos então garantir possibilidade de identificar dentro da história períodos, onde estas mudanças se manifestaram enquanto crise ou mesmo ruptura. Neste sentido, o entendimento acerca da modernidade tem aqui o sentido de também permitir identificar na produção social, este novo momento.

Em sua formação, a cidade contemporânea apresenta-se enquanto resultado da junção de muitas partes, que mesmo sendo similares trazem em seu conjunto algo desconexo. De forma diferente, na cidade antiga poderíamos até mesmo identificar diferentes partes, mas exis-

tia igualmente uma totalidade coesa; tendendo a ser sempre reconhecível, inconfundível. No entanto, a cidade contemporânea tem como sua marca a semelhança, sendo o difícil, identificar a qual país ela pertence, pelo menos a primeira vista.

Se a velocidade da produção e renovação tende a exigir uma flexibilidade nas organizações sócio-espaciais, em função do constante processo de transformação dos espaços, também fica implícito algo que fundamentalmente permite diferir de períodos precedentes: estamos exatamente apontando para a nova relação espaço-tempo, onde a sociedade como um todo tende a ser comandada por velocidades e ritmos globalizantes.

Os grandes aglomerados urbanos, em especial as metrópoles, tendem a expressar importante papel enquanto centro de desenvolvimento e gestão desta nova forma de produção do conhecimento cientificado, assim como na produção e propagação das informações. Refletindo sobre o caso brasileiro, parece que é na metrópole, e particularmente em São Paulo que podemos observar essas novas formas de produção e gestão das informações: a partir deste centro, que expressa historicamente certa hegemonia no território nacional, notamos a propagação destas inovações. Contudo, se por um lado podemos afirmar que no território nacional a região Sudeste, representa uma concentração de recursos e da produção, por outro, também vale dizer que ocorre uma dispersão, podendo ainda ser compreendida enquanto 'pedaços' da metrópole, fragmentados pelo espaço. Este enfoque parece ser importante para a identificação de uma hierarquia entre os núcleos decisórios da produção, também entendida enquanto uma articulação entre o tradicional e o moderno, numa esfera nacional, favorecidas neste novo momento pela intensa fluidez de informações e objetos. Ao mesmo tempo em que se tornava possível e

necessário uma descentralização das aglomerações, igualmente importante se tornava uma redefinição da divisão regional e internacional do trabalho, passando necessariamente por uma especialização. Agora, precisamos uma nova dimensão das distâncias, onde o fator tempo pode ser então o elemento determinante: as trocas, a produção, o próprio consumo trazem em seu interior a necessidade de serem movidos sob o signo a velocidade; ocorrendo assim redefinição das relações sócio-espaciais, em função do tempo dos deslocamentos. Desta forma, outra hierarquia e vinculação entre os centros urbanos do país ficou delineada sob o impacto das inovações deste novo período. A proliferação de novos centros urbanos, e muitos assumindo a função de pólo regional, delinearão uma nova expressão à hierarquia urbana e uma especialização da atividade produtiva dentro das regiões. Podemos observar que as diferentes partes do território, tendem na atualidade a se especializar, ou mesmo como afirma SANTOS (1988a, p. 50), "...assistimos à **especialização funcional das áreas e lugares, o que leva à intensificação do movimento e à possibilidade crescente das trocas**". E ainda acrescenta o autor, em função destas novas condições, crescem não apenas as grandes cidades, mas também as cidades médias.

Mediante tais inovações, as distâncias podem ser vencidas com maior facilidade assim como as atividades podem ser descentralizadas, repercutindo na especialização e complementariedade entre as regiões, antes dispersas pelo território. Se atualmente, no Sudoeste do território nacional, podemos notar uma concentração de recursos e da produção em algumas grandes metrópoles, podemos também apontar para a existência de uma dispersão, onde se destacam as capitais regionais. Como aponta SANTOS (1988b), "...**encontramos pedaços e ressonâncias da metrópole por todo o território**".

LINARDI, M.C.N. Thinking about the Contemporary City. *Semina: Ci. Soc./Hum.*, Londrina, v. 15, n. 3, p. 239-245, Sept. 1994.

**ABSTRACT:** *Our purpose here is to identify some topics concerned to the comprehension of the contemporary city. Therefore, through notions of time, velocity, obsolescence of places and things, innovation of science and technology we are able to approach different levels that seem to contribute to a redefinition of social-spatial relations present in the city nowadays. In methodological terms we can emphasize the importance of adopting, as a starting point, the historical knowledge considered here as the comprehension of reality itself. We believe as well that this is the mechanism that leads to the renewal of theory. The present modernity was established as a historical mark when the contemporary city was approached. The latter is characterized not only by the intense proliferation of objects, their abundance, but also by the rapidity in which these objects are processed and by the technical sophistication in which they are produced. We search through our analysis to observe how velocity and new rhythms, characteristic of the present moment remodel the urban surroundings, which tend to become obsolete in shorter intervals of time.*

**KEY-WORDS:** *Contemporary City, Time, Velocity, Obsolescence, Present Modernity.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Editora 70, 1976.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

*Semina Ci. Soc./Hum.*, v. 15, n. 3, p. 239-245

DORFLES, Gillo. *Novos ritos, novos mitos*. Lisboa: Editora 70, 1965.

HABERMAS, J. *Arquitetura moderna e pós-moderna*. [s.e.]. *Cebras*, n. 18, p. 115, set. 1987.

---

PROST, Antoine. *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. (Fronteiras do espaço privado)

SANTOS, Milton. *Novos rumos da geografia brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1982.

\_\_\_\_\_. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: HUCITEC, 1988b.

VIRILLIO, Paul. *Guerra puta*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. *O meio técnico-científico e a urbanização no Brasil*. São Paulo: Espaço e Debates, n. 25, 1988a.

Recebido para publicação em 16/6/1993

---

## DEPENDÊNCIA E DESENVOLVIMENTO NA AMÉRICA LATINA: O PAPEL DOS ESTADOS NACIONAIS NA NOVA ORDEM MUNDIAL

RONALDO BALTAR<sup>1</sup>

---

BALTAR, R. Dependência e Desenvolvimento na América Latina: o papel dos Estados nacionais na nova ordem mundial. *Semina: Ci. Soc./Hum.*, Londrina, v. 15, n. 3, p. 245-249, set. 1994.

*RESUMO:* A questão básica proposta neste texto visa discutir a relação entre Estado e economia da perspectiva da internacionalização dos mercados e do capital, partindo da premissa de que a compreensão do desenvolvimento do capitalismo moderno está além dos estudos que possuem como objeto os Estados nacionais isoladamente. As questões referentes à compreensão das transformações políticas na América Latina passam a requerer análises integradas, de forma a que seja possível dimensionar o papel das crises econômicas e das mudanças de regimes políticos na especificidade do processo de desenvolvimento capitalista dos países latino-americanos.

*PALAVRAS-CHAVE:* América Latina - desenvolvimento, América Latina - dependência, Globalização, Mercado - internacionalização

---

### 1 - INTRODUÇÃO

A questão básica proposta neste texto visa uma discussão, ainda inicial, sobre a relação entre Estado e economia na América Latina da perspectiva da internacionalização dos mercados e do capital, partindo da premissa de que a compreensão do desenvolvimento do capitalismo moderno está além dos estudos que possuem como objeto os Estados nacionais isoladamente. As questões referentes à compreensão das transformações políticas na América Latina, sobretudo, passam a requerer análises integradas, de forma que seja possível dimensionar o papel das crises econômicas e das mudanças de regimes políticos na especificidade do processo de desenvolvimento capitalista dos países latino-americanos.

O centro deste tipo de abordagem está na análise dos liames entre ordem política democrática, autoritarismo e crise econômica. Difere, no entanto, dos estudos que procuraram responder a esta questão a partir de instrumentos analíticos estritamente institucionais, tais como análises eleitorais, estudos sobre o discurso e o com-

portamento de grupos políticos e a comparação entre tipos de instituições políticas de países diferentes em situações paralelas (democratização, etc.). Também difere da análise marxista ortodoxa, na medida em que esta tende a subdimensionar o papel da esfera política na conformação do processo de desenvolvimento econômico, atribuindo uma relação de reciprocidade mecânica entre interesses políticos e interesses econômicos, ambos englobados ao conceito de interesses de classe. Diverge também da análise econômica pura, uma vez que o instrumental analítico da economia prende-se fundamentalmente na reflexão dedutiva por comparação de modelos. Diante da atual diversidade de caminhos apresentados pelo processo de expansão do capitalismo mundial, os modelos tradicionais de interpretação da dinâmica capitalista, amparados em paradigmas históricos como a revolução industrial inglesa, por exemplo, não conseguem reunir elementos suficientes para a compreensão das atuais transformações vividas pelas sociedades ocidentais.

O caminho para tornar esta reflexão possível segue

---

1 - Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, Caixa Postal 6001, Londrina, Paraná, Brasil, CEP 86051-970.